

O estranho em Freud: de Gradiva ao homem da areia

Ignácio Alves Paim Filho¹

Larissa Ullrich²

Luciana Nunes de Nunes³

Paula Frizzo Fontana⁴

Tânia Nara Carvalhal Israel⁵

RESUMO

O objetivo deste trabalho é resgatar o fenômeno do *estranho*, conceituado por Freud em 1919, mas já presente em textos anteriores, em especial no *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*. Pretende-se traçar um paralelo entre a obra *Gradiva* de Jensen e *O homem da areia* de Hoffmann, enfatizando a busca da qualidade do sentir – marca da estética do estranho –, que se manifesta de forma distinta na trama psíquica dos protagonistas Norbert e Natanael, personagens dos respectivos textos. Essas duas diferentes facetas e suas sensibilidades convocam a fazer especulações metapsicológicas acerca dos desdobramentos frente à castração. Temos, assim, recalçamento e forclusão, estranhamento e horror: Norbert e Natanael no encontro com o duplo e suas vicissitudes – *de protetor contra a imortalidade a embaixador da própria morte*.

Palavras-chave: Estranho. Gradiva. Castração. Duplo.

1 Psicanalista, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

2 Psicoterapeuta, membro efetivo do Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESIPP); psicóloga do Ministério Público do RS.

3 Psicanalista, membro associado do CEPdePA.

4 Psicanalista, formação em psicanálise pelo Arche, formação em arteterapia pela Psique, membro associado do CEPdePA.

5 Psicanalista, membro associado do CEPdePA; psicoterapeuta, membro efetivo do ESIPP.

“Acho que evitei o senhor por causa de uma espécie de relutância em conhecer o meu sócia. Não que eu me incline facilmente a identificar-me com outrem [...], mas todas as vezes em que me absorvo profundamente nas suas belas criações, pareço sempre encontrar sob sua superfície poética os mesmos pressupostos, interesses e conclusões que alimento”

(Carta de Freud a Schnitzler)

Delírios e sonhos, convite do romance *Gradiva* de Jensen, para o leitor deixar-se levar por um clima que incita estranhamentos e questionamentos, sobre a veracidade dos acontecimentos que envolvem o protagonista Norbert.

Tomando esse romance como interlocutor, Freud, em 1907, debruça-se sobre ele, visando corroborar suas teses sobre a verdade histórica do inconsciente, do que fica sepultado, mas não destruído nas profundezas da alma, e que, desde esse lugar, produz derivativos: fluxo contínuo entre o conhecido e o desconhecido. Nesse sentido, vai trabalhar com a estranha proposição de que os sonhos e os delírios têm em comum a mesma matéria-prima: o desejo incestuoso e o desejo parricida, construídos nas vicissitudes da sexualidade infantil, irrigados pelo pulsional.

Pretendemos, no decorrer de nossos argumentos, validar a tese de que o estranho, essa peculiar qualidade do sentir (FREUD, 1919), associado à dinâmica do retorno do recalcado, tem nas odisséias de Norbert – pela Pompeia soterrada, mas, agora, desenterrada – seu tempo inaugural. Nosso arqueólogo retorna para um outro tempo, em busca de resgatar um tempo perdido – o tempo das origens?

Buscamos ser fiéis e ratificar a proposição freudiana de que os escritores criativos, em seus romances, antecedem a ciência e a psicologia científica (FREUD, 1907). Escutamos, nessa narrativa de uma obra literária, as ressonâncias do Freud poeta/escritor: “[...] pareço sempre encontrar sob sua superfície poética os mesmos pressupostos, interesses e conclusões que alimento.” (FREUD, 1922, p. 396) –, antecedendo o pensar do cientista que irá se materializar no texto de 1919, *O Estranho*: Freud antecedendo Freud.

Na articulação desses dois tempos e dessas duas histórias (*Gradiva versus Homem da Areia*) é que centramos nossas considerações. Encontramos na novela

de Jensen, diferentemente da de Hoffmann, o contraponto do que foi vivido em ato pelo *menino de areia* de Freud (PAIM FILHO *et al.*, 2017). Acreditamos que Hamlet está para Édipo, assim como Norbert está para Natanael – protagonista do conto de Hoffmann. Temos aqui o tema do duplo convocando-nos a fazer especulações metapsicológicas e a ousar vencer o nosso temor do encontro – com esse familiar, não familiar – que esse fenômeno, sinistramente paradoxal, revela: “[...] de garantia de sobrevivência passa a inquietante mensageiro da morte.” (FREUD, 1919, p. 352).

Seguindo os rastros do pensar freudiano, vemo-nos impelidos, de forma pontual, a questionar as interações que, acreditamos, ligam esses dois personagens, distantes no tempo do processo secundário, mas próximos na temporalidade do processo primário. Tomamos como indicador a problemática do duplo. Nosso objeto de investigação transitará entre Norbert/Zoe (Gradiva) e Natanael/Clara (Olímpia). Entretanto, refletir sobre essa temática requer que, primeiro, nos ocupemos do narcisismo primário.

Retornamos, então, a 1914, quando Freud postula, entre outros fenômenos, através do estudo da parafrenia, a ideia de um narcisismo primário estrutural e patológico. Através dessa concepção, viabiliza a inclusão dessa doença na teoria da libido. Nessa perspectiva, o narcisismo primário é determinante da constituição do Eu. Este estrutura-se como uma unidade que deve ser desenvolvida a partir do encontro entre o autoerotismo e uma nova ação psíquica, produto do investimento parental.

Referendamos esse processo como decorrente do encontro da pulsão pelo objeto – momento inaugural de um Eu-ideal. Esse Eu é decorrente do narcisismo dos pais outrora abandonado e, agora, revigorado: sonhos e anseios colocados sobre os filhos. É através desse processo que vai se modelar um Eu-Realidade-Originiária que, em seu desamparo, vai estabelecer-se como duplo, garantindo a imortalidade do Eu: Eu-ideal.

Dando prosseguimento a esse pensar, Freud (1919) resgata a ideia do duplo, tema de nosso interesse. Nesse novo/velho cenário, Otto Rank surge como um interlocutor privilegiado para aprofundar a temática do duplo. Esse autor propõe que “[...] o duplo foi originalmente uma garantia contra o desaparecimento do

Eu, um ‘enérgico desmentido ao poder da morte’ [...]” (FREUD, 1919, p. 351). Balizado por essa enigmática compreensão, Freud (1919, p. 351) acentua que “[...] a alma ‘imortal’ foi provavelmente o primeiro duplo do corpo.”. Indica, assim, que a atividade de duplicar é uma função defensiva que emerge na vigência do narcisismo primário, como garantia contra o desaparecimento; ao ser, porém, transposto esse estágio, o duplo adquire a conotação de “[...] inquietante mensageiro da morte.” (FREUD, 1919, p. 352). Destacamos a importância do “enérgico desmentido”, que permite vislumbrar a importância da renegação (*Verleugnung*) na estruturação do Eu.

Um dos destinos possíveis desse narcisismo primário, frente à castração, será o recalco: território do inconsciente recalco – o estrangeiro dentro do Eu. O recalco, em seu tempo secundário, poderá ser efetuado pelo Eu, a partir do momento em que for estabelecido um ideal-de-Eu, que passará a ser depositário, na forma de um ideal a ser perseguido, da completude narcísica abandonada. Assim, o recalco retornará como um estranho nas manifestações de nosso inconsciente.

Há outros destinos possíveis para esse narcisismo primário, por exemplo, na psicose. Nesta, encontramos-nos sob a vigência da fragilidade do recalco, o que determina a estruturação de um inconsciente cindido pela forclusão. Isso acarreta um aprisionamento ao Eu-ideal, enquanto refúgio frente ao terrorífico da ameaça de castração, esta que retorna através do forcluído: delírios e alucinações.

Sendo assim, ocuparemos-nos, de forma mais específica, do retorno do recalco – a revelação do duplo em mim – e do retorno do forcluído – o aparecimento do duplo no outro – em suas relações com o *estranho*, com suas peculiares qualidades do sentir.

Voltando aos nossos protagonistas, escutamos as sensações de estranhamento que nos acompanham ao observar Norbert em sua busca por Gradiva. O personagem também se inquieta, o que não se passa com Natanael de Hoffmann, que – com suas certezas psicóticas – deixa os estranhamentos com o leitor. A viagem de Norbert *para e por* Pompeia vai delineando uma jornada para dentro de si. O relevo calcado na escultura, funcionando como um resto diurno, aciona marcas de um outro tempo, que – mesmo soterradas – não deixam de existir, o conhecido não reconhecido.

A intensidade desse retorno – em forma de *delírio histérico*⁶ – convoca-nos a identificar um rompimento pontual com a realidade, um modo psicótico de lidar com o intolerável. Entretanto, Norbert surpreende-nos com seu próprio estranhamento, revelando fissuras em seu delírio, permitindo perceber, pouco a pouco, a realidade histórica que este contém. Vale lembrar a definição de delírio proposta por Freud:

Primeiro, ele pertence ao grupo de estados mórbidos em que não há efeito direto sobre o corpo, que se manifestam apenas por indícios psíquicos; segundo, é caracterizado pelo fato de que nele “fantasias” alcançaram predomínio, isto é, conquistaram a crença e adquiriram influência sobre os atos (FREUD, 1907, p. 62).

Refletindo sobre isso, perguntamo-nos quais seriam as fantasias soterradas na Pompeia de Norbert? Que amor infantil seria esse que portaria tanta perturbação? Zoe seria o início dessa cadeia que clamou por uma cisão na personalidade de nosso protagonista?

Pensamos nela como herdeira de um amor ainda mais proibido, instalado na novela familiar de Norbert – Zoe como representante da marca incestuosa abre caminho para entender esse deslocamento, assim como a possibilidade de acesso ao universo psíquico soterrado em Norbert. Ponto de intersecção entre presente e passado, ela denunciará a fenda que separa fantasia e realidade, ajudando seu companheiro de infância a costurá-la, diminuindo o impacto que o estranhamento havia causado nesse encontro.

A simbólica Pompeia é o cenário para a ligação do presente com um passado que, mesmo inacessível, marca presença. A inquietação que coloca em marcha esse reencontro com o soterrado denuncia não só a verdade do inconsciente, mas

6 Freud (1907) ratifica a expressão “delírio” utilizada pelo autor; porém, acrescenta, em nota de rodapé, que seria mais correto chamá-lo de “delírio histérico” para diferenciá-lo do “delírio paranoide”. Utiliza ainda, no texto, a expressão “delírios fisiológicos [isto é, não patológicos]”, referindo-se às fantasias precursoras dos delírios. Estas seriam substitutas derivadas de lembranças reprimidas, presentes em todos os seres humanos, sendo as imagens oníricas criações desses delírios fisiológicos.

a possibilidade de Norbert defrontar-se com esse retorno do forcluído. Nas trilhas da significação, nosso protagonista vai transitando do delírio ao sonho e, a partir disso, construindo caminhos que o levam da ordem do forcluído à ordem do desejo recalçado: o conhecido podendo se fazer reconhecer, e o desconhecido podendo se fazer conhecido.

De outra forma, Natanael mostra-nos o retorno do forcluído que não encontrou as mesmas possibilidades de sonho e do feliz desenlace que o personagem de Gradiva, sendo levado do delírio à loucura em um trágico desfecho de morte. O conto de Hoffman apresenta o limiar e a simultaneidade entre a verdade histórica e a verdade material sustentadas nas memórias assustadoras de uma infância traumática. Ao ver-se interpelado, em seu quarto, pelo vendedor de barômetros Coppola, Natanael é tomado de horror. Irrompem lembranças de seu passado, e sentimentos inquietantes lhe surgem, terríveis e ameaçadores. O jovem associa Coppola ao advogado Coppelius, figura traumática de sua infância, que ele acreditava ser o terrível Homem da Areia, o qual sua mãe dizia que estava chegando, sempre à hora de dormir. Natanael perguntava: “Mamãe, quem é esse Homem da Areia que sempre nos separa do papai?” (HOFFMANN, 2010, p. 16).

Em suas recordações, a família reunia-se no gabinete paterno após o jantar, alternando noites de felicidade, nas quais seu pai contava histórias maravilhosas, com outras, nas quais ele se postava imóvel e silencioso. Nessas ocasiões, sua mãe ficava muito triste; anunciando a chegada do Homem da Areia, ela levava os filhos para a cama. Natanael ouvia os passos do Homem da Areia/Coppelius chegando. Preocupava-lhe o relacionamento desse homem com seu pai. Ao crescer, com o incremento de seu desejo de elucidar esse mistério, escondeu-se, certa noite, no gabinete do pai e presenciou experimentos de alquimia que eram feitos por eles. Ao gritar de pavor, Natanael foi descoberto e se viu ameaçado por Coppelius/Homem da Areia, caindo doente por semanas. Após um ano, Coppelius reaparece, e ele e o pai de Natanael retiram-se para o gabinete, com a promessa do pai de “ser a última vez”. Durante o experimento, ocorre uma explosão, Coppelius foge, e Natanael depara-se com o pai morto, atribuindo o acontecimento funesto ao Homem da Areia.

Para Natanael, através de seus olhos, os objetos reais são tomados por ambíguos sentimentos infantis relacionados à trágica perda de seu pai, assim adquirindo

feições atemorizantes: “[...] esta sombria força material, desde que abandonemos voluntariamente a ela, atrai e fixa em nós certas imagens estranhas que o mundo exterior joga em nosso caminho.” (HOFFMANN, 2010, p. 36). Percebe-se que houve uma relativização do tempo, pela qual passado e presente se confundem, da mesma forma que realidade e imaginação, deixando como marca a ambiguidade. Embora Natanael reconheça estar sofrendo de reminiscências, deixa-se tomar por sensações fantásticas produzidas por seu psiquismo infantil.

Nosso personagem, noivo de Clara – descrita como uma moça lúcida, mas que age com frieza e racionalismo –, apaixona-se por Olímpia, uma autômata. Impossibilitado de discriminar o inanimado do animado, Natanael retira a sua libido do mundo externo (Clara) e redireciona-a ao seu mundo fantasmático (Olímpia). Acreditamos que esse movimento decorra tanto de sua fragilidade psíquica, como da impossibilidade de Clara oferecer a Natanael o mesmo continente oferecido por Zoe a Norbert.

Nesse sentido, realçamos as diferenças dos objetos-espelho encontrados nas duas histórias. De um lado, Gradiva *versus* Zoe; de outro, Olímpia *versus* Clara. Ambos os protagonistas da história sofreram uma ruptura com a realidade. Norbert, de forma mais parcial, ao encontrar o baixo relevo e ser movido por um sonho, é tomado pelo desejo de descobrir de quem teria sido o andar enigmático esculpido na escultura; Natanael, por sua vez, ao receber a visita do vendedor de barômetros e associá-lo ao Coppélius de sua infância – imagem de extremo horror –, reativa uma cisão mais radical em seu psiquismo. Os dois personagens constroem, a partir desses desencadeantes, um mundo paralelo em sua imaginação e embarcam em uma viagem na busca de significação.

Norbert encontra Gradiva e reencontra Zoe Bertgang na sinistra Pompeia. Gradiva/Bertgang⁷, “[...] a que brilha ao andar [...]” (FREUD, 1907, p. 53), suporta não ser re-conhecida. Nesse *setting*, a dupla propõe-se a viajar pelo mundo da fantasia – *o fantasma do meio-dia* –, percorrendo as tramas do delírio. Ao seu tempo, tal processo possibilita a instauração da dúvida onde havia “certezas”: o estranhamento delineando uma história.

7 O nome Gradiva é decifrado, no final da trama, como sendo uma tradução, um derivado do sobrenome reprimido *Bertgang*.

Mas a ideia dominante em Norbert era de que, se ele a tocasse, se ele tentasse pôr sua mão sobre a dela, não encontraria senão o vazio. Um estranho instinto o impelia a procurar uma certificação, enquanto uma não menor timidez o impedia, em imaginação, pois ele sentia que a confirmação de qualquer dessas duas possibilidades tinha alguma coisa de assustador (JENSEN, 1987, p. 69).

No desfecho do conto, Norbert toca na mão de Zoe, reconhecendo-a como a paixão perdida de sua infância. Ficam assim esclarecidos os motivos de seu encantamento. Vale lembrar as palavras de Freud (1907, p. 34): “Se aquela jovem, sob cuja forma a Gradiva tornou a viver, aceita o delírio de Hanold⁸ de maneira tão completa, provavelmente o faz para livrá-lo dele. Não há outro caminho para obter isso; contradizê-lo apenas excluiria essa possibilidade.”

Clara, no entanto, ao não tolerar o delírio de Natanael, não ocupa o lugar de conter as angústias, o que possibilitaria que ele reconstruísse sua história traumática vivida com os objetos originários. Ela precipitadamente interpreta algo como fantasia, que ele não estava podendo albergar em sua alma: “[...] creio que todas essas coisas horríveis e apavorantes, relatadas por você, existem apenas em sua imaginação e que a parcela de fatos reais e concretos é muito pequena.” (HOFFMANN, 2010, p. 30). Ela pede a ele que tire essas coisas da cabeça.

Natanael ainda faz mais uma tentativa de encontro com Clara ao visitá-la, mas esta – frente ao sinistro inquietante – assusta-se e pede que jogue fora seus poemas, palavras às quais Natanael reage, chamando-a de *autômato sem vida*. O coração que não encontra em Clara encontra na autômata Olímpia, melhor e mais sensível ouvinte, por tudo suportar. Ela é descrita nas palavras dele: “[...] onde reinam o amor e o conhecimento sublime da vida espiritual, contemplando a eternidade.” (HOFFMANN, 2010, p. 67). O duplo como garantia da imortalidade, nas palavras de Freud. Ao tocar sua mão e os lábios gélidos, Natanael sente o frio terrível da morte e, em sua imaginação, desmentindo a lenda da noiva morta, dá vida e calor ao sangue frio. Não há um estranhamento que poderia levá-lo

8 Norbert Hanold.

a buscar uma *certificação*. O que para Norbert é a prova de vida, para Natanael é o anúncio da morte.

O destino de Olímpia, na trágica cena entre Coppola e Spalanzani, faz com que o duplo se torne embaixador da morte, levando Natanael ao colapso psíquico, e não mais a um delírio com sua função restitutiva em busca de sentido. Dessa fenda aberta, ao ver Clara duplicada na cena final, emerge o forcluído. Natanael fracassa na possibilidade de reconstruir sua história, sucumbindo ao aniquilamento que revela a ausência de um duplo protetor, repetição traumática dos objetos originários, de uma mãe melancólica frente às imposições da vida e de um pai omissivo em sua função protetora.

A importância do duplo nos dois contos mostra-se evidente. Em Gradiva, a atividade de duplicar faz um deslizamento no percurso de Norbert, de suas origens a Pompeia, indo do autoerotismo ao amor objetual. Zoe/Gradiva permanecem como um duplo narcísico, até que ele possa elaborá-lo através do delírio histérico, permitindo o reconhecimento do outro entre semelhanças e diferenças, com suas potencialidades desejantes: prevalência do estranho em mim e no outro.

Não é o que acontece no percurso de Natanael no Homem da Areia, que mantém o duplo dentro de um circuito circular narcísico marcado com as tintas do horror, apresentando-se como “estranho anunciador da morte”, onde o outro Clara/Olímpia não se diferencia e não abre espaço para a fantasia. Assim, Norbert e Natanael apresentam duas facetas frente à castração: do estranhamento de Norbert ao horror de Natanael.

Finalizando, ratificamos nosso postulado de que o texto sobre a Gradiva prenuncia o *estranho* em Freud, que será conceitualizado, adquirindo *status* metapsicológico, através do estudo do *Homem da Areia* de Hoffmann. A importância das proposições sobre o duplo transcende a poética dos dois textos. Ser o duplo de alguém passa a representar algo vital para a própria existência e para a criação da psicanálise, o que temos exemplificado na vida e na obra de Freud, de onde a questão do duplo emerge: “Acho que evitei o senhor por causa de uma espécie de relutância em conhecer o meu sócia.” (FREUD, 1922, p. 396).

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1907). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. *In*: FREUD, S. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13-122. (Obras completas, 8).

FREUD, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. p. 95-132. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1919). O inquietante. *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376. (Obras completas, 14).

FREUD, S. (1922). Carta de Freud a Schnitzler (14/05/1922). *In*: FREUD, S. **Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1960. p. 396-397.

HOFFMANN, E. T. A. **O Homem da Areia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

JENSEN, W. **Gradiva: uma fantasia pompeiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

PAIM FILHO, I. *et al.* A estranha história de O Menino de Areia segundo Freud. *In*: GARCIA, R. M. (org.). **Sobre o infantilismo da sexualidade**. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 152-165.

The uncanny in Freud: from Gradiva to the Sandman

ABSTRACT

The goal of this paper is to rescue the phenomenon of the *uncanny*, named by Freud in 1919, but already presente in preview texts, in particular in *The delirium and dreams in W. Jensen's Gradiva*. Here, we intend to establish a parallel between the sculpture *Gravida* from Jensen and *The Sandman* from Hoffmann, pointing out the search for the felling's quality – mark of the uncanny aesthetic – that shows itself in diferents shapes inside the psychic plot from the protagonists Norbert and Natanael, characters of the related texts. This two diferents faces and their sensibilities summon metapsychological speculations about the developments against the castration. We have, thus, repression and foreclosure, strangeness and horror: Norbert and Natanael in the meeting with the doppelganger and its vicissitudes – *from protector against the immortality to ambassador of the own death*.

Keywords: Uncanny. Gradiva. Castration. Doppelganger.